

**O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA:  
ESTUDO DE ASPECTOS VARIÁVEIS ATRAVÉS DE TIRINHAS**

*Elza Sabino da Silva Bueno* (UEMS)

[elza@uems.br](mailto:elza@uems.br)

*Maria Terezinha Nantes de Araújo* (UEMS)

[mterezinha\\_nantes@hotmail.com](mailto:mterezinha_nantes@hotmail.com)

**RESUMO**

O estudo dos gêneros textuais se faz necessário pela sua importância no processo de ensino aprendizagem de línguas, além de ser um recurso utilizado pelos livros didáticos para auxiliar o professor na transmissão de conteúdos didático-pedagógicos aos alunos. Os PCN – *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1998) – recomendam o uso de variados gêneros para desenvolver no aluno as capacidades linguística, enunciativa e estilística. Assim, esse estudo se justifica, pois averigua como a variação linguística é tratada no livro didático de língua portuguesa *Português: Linguagens*, de Cereja e Magalhães (2009), através de tirinhas, e verifica se as tirinhas inseridas nos livros contribuem para o ensino dos conteúdos pedagógicos em sala de aula. O estudo apresenta aspectos relevantes da sociolinguística e da variação linguística presentes nos textos do livro escolhido para análise; o percurso metodológico usado para destacar os aspectos variáveis nas tirinhas, analisa e discute os fenômenos linguísticos presentes nas tirinhas. Tais reflexões, discussões e posicionamentos são analisados à luz de ensinamentos de estudiosos da linguística/sociolinguística como: Alkmim (2002), Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2005), Bueno e Silva (2012), Mollica e Braga (2008), Silva e Carvalho (2013), Tarallo (2007) e outros.

**Palavras-chave:** Gênero textual. Sala de aula. Tirinhas.

**1. Introdução**

Em razão de condições sociais, culturais, regionais e históricas, a língua apresenta variações por ser falada em diversos contextos socioculturais, em regiões distintas, por pessoas de idades e grupos sociais diversos e em diferentes momentos históricos, ou seja, a língua portuguesa apresenta variações, dentro do próprio território nacional e até mesmo com um único falante, dependendo da situação e do contexto de interação linguística.

A língua é “uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita” (BAGNO, 2007, p. 36).

As novas propostas de educação em língua materna têm tomado como objeto de estudo a questão das variedades linguísticas, desse modo,

o objetivo deste trabalho é destacar os fenômenos linguísticos presentes nas tirinhas no livro didático *Português: Linguagens*, de Cereja e Magalhães (2009) do 6º ano do ensino fundamental e como tal variação pode interferir no processo de ensino aprendizagem de língua portuguesa em sala de aula.

O estudo dessa temática justifica-se por entender que a abordagem desse assunto é de suma importância, uma vez que o texto escrito não é a simples transcrição do texto oral. A análise de tirinhas do livro didático mencionado é o *corpus* dessa pesquisa, em que marcas linguísticas são avaliadas com o propósito de indicar como a variação linguística é tratada no livro didático e qual a sua contribuição para o ensino de língua portuguesa em sala de aula.

Como resultado da pesquisa, apresenta-se esse trabalho com itens que tratam da fundamentação teórica, que consiste em apresentar aspectos relevantes sobre a sociolinguística e a variação linguística no livro didático, o percurso teórico-metodológico usado, as análises e discussão dos resultados obtidos, as considerações finais a que se chegou com o estudo e o referencial bibliográfico utilizado como suporte para o desenvolvimento da pesquisa.

## **2. Percurso teórico-metodológico**

Em função do objetivo dessa pesquisa ser trabalhar os fenômenos linguísticos variáveis em tirinhas do livro didático *Português: Linguagens*, de Cereja e Magalhães (2009), do 6º ano do ensino fundamental, inicialmente realizou-se um estudo bibliográfico buscando estabelecer as bases teóricas sobre a variação linguística, indispensáveis para a análise do presente estudo.

Quanto à série apresentada, foi selecionado o 6º ano, por ser uma série de abertura dos anos finais do ensino fundamental, marcada por mudanças que irão representar desafios para os alunos. Além disso, é um momento em que o desenvolvimento das diferentes capacidades intelectuais, sócio-afetivas e psicomotoras está em formação.

O fato de o livro didático ser um instrumento que desempenha forte influência na prática pedagógica de professores e quando não o único, foi o que nos motivou a elegê-lo como objeto de análise para esse trabalho, dessa forma, essa pesquisa pode ser caracterizada como bibliográfica-documental.

Foi escolhido o livro didático *Português: Linguagens*, de Cereja e Magalhães (2009), para análise dos textos, pois se trata de um livro de recente reformulação adotado pelos professores da rede pública de ensino. Cereja e Magalhães (2009) discorrem nessa edição do livro didático e procuram confirmar e aprofundar os rumos traçados nas edições anteriores. Por exemplo, a proposta de um trabalho consistente de leitura, com uma seleção criteriosa de textos (manual do professor). Os autores ainda ressaltam que esta proposta de trabalho “alarga o horizonte dos estudos da linguagem, apoiando-se nos recentes avanços da linguística e da análise do discurso; uma proposta de produção textual apoiada na teoria dos gêneros textuais ou discursivos e na linguística textual”.

Silva e Carvalho (2013) salientam que:

Quando se afirma, pois, que a democratização do ensino implicou em mudança no ensino-aprendizagem da língua, essa mudança ocorreu em razão de a escola não mais se voltar tão somente à elite da sociedade, mas também à classe popular que, desprovida de situações linguísticas próprias da escolarização e/ou do mundo letrado, mescla os traços linguísticos próprios de sua realidade, de sua cultura aos traços linguísticos daqueles da elite. Esses traços, embora tomados como erros ou desvios da norma de prestígio, nada mais são que variedades linguísticas, cuja existência se funda e fundamenta-se na natureza multiforme, heterogênea da língua.

Nessa perspectiva, Cereja e Magalhães (2009) ainda reafirmam que nessa nova edição há um avanço significativo que envolve entre outras atividades a de reflexão sobre linguagem, adotando uma “mudança de postura em relação à língua (eliminando, por exemplo, a noção de erro e inserindo a noção de adequação, ou abrindo espaço para as variedades linguísticas)”. Partindo desse pressuposto, Alkmim (2002) acrescenta que

O fato de que sociedades como a nossa tenham, em função de razões históricas e políticas, identificado a chamada língua padrão com os usos linguísticos dos grupos urbanos socialmente superiores não pode justificar o exercício do preconceito e da discriminação linguística. E aí está o desafio. (p. 52)

As discussões e posicionamentos durante a pesquisa são apresentados detalhadamente e analisadas à luz de estudiosos da linguística e da sociolinguística como: Alkmim (2002), Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004/2005), Bueno e Silva (2012), Mollica e Braga (2008), Silva e Carvalho (2013), Tarallo (2007) e outros.

## **2.1. Sociolinguística – a variação linguística presente no livro didático**

Toda língua possui variações, possui suas diversidades e a sociolinguística vê essa diversidade como parte da linguística, além de considerar impossível haver língua sem a variação.

Nesse contexto, a variação linguística, como ressaltam Mollica e Braga (2008) é entendida pela sociolinguística como um princípio geral e universal passível de análise e descrição científica, como também um fenômeno presente em todas as línguas naturais (SILVA; CARVALHO, 2013).

Observamos que, como afirma Bueno e Silva (2012), a sociolinguística é uma ciência nova “que surgiu na década de 60, para estudar as variações da língua inserida no contexto social em que se encontra o falante no momento da enunciação e busca explicações para a escolha de uma variante linguística em detrimento de outra”.

Diante do exposto, Bagno (2007, p. 38) resalta que “o objetivo central da sociolinguística, como disciplina científica, é precisamente relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social. Língua e sociedade estão indissolúvelmente entrelaçadas [...]”, sempre partindo do princípio de que a língua varia ou muda para atender as necessidades do falante no processo de interação verbal (BUENO; SILVA, 2012).

Quanto às variedades que a língua apresenta, do ponto de vista linguístico, não há uma considerada melhor que a outra, entretanto, muitas vezes essa diferença, em relação à modalidade padrão da língua, se transforma em preconceitos na sociedade, uma vez que essa mesma sociedade considera apenas a modalidade padrão como língua e estigmatiza o falar simples das pessoas humildes e dos alunos que vêm de um ambiente social menos favorecido socialmente. É por isso que a principal influência da sociolinguística na educação parte do princípio de que as variedades linguísticas de uma comunidade são equivalentes. Bortoni-Ricardo (2005) afirma que

Muito embora os preconceitos linguísticos não tenham desaparecido, a sociolinguística forneceu munção teórica e tecnológica para combatê-los, bem como para que os sistemas escolares começassem a se preocupar com a adequação de seus métodos às peculiaridades linguísticas e culturais de seus alunos que não provinham das camadas dominantes da sociedade.

Dessa forma, Nogueira (2012) discorre sobre um passo importante

a ser tomado dentro dos estudos da linguagem que é

o de refletir juntamente com os alunos acerca da variação linguística, reflexão essa despojada de preconceitos. Para que o ensino mude, é preciso compreender antes de qualquer coisa que a língua é um instrumento de comunicação social diversificado em todos os seus aspectos, é o meio de expressão de indivíduos que vivem em uma sociedade também diversificada social, cultural e geograficamente.

Podemos afirmar que existem muitas formas de se comunicar. Uma língua nunca é falada do mesmo jeito pelos seus usuários, ela sempre poderá sofrer variações, seja do ponto de vista linguístico ou social. Vellasco e Sousa (2007, p. 27) expõe que:

A língua não é usada de modo homogêneo, igual, por todos os seus falantes. O uso de uma língua varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social, e assim por diante. Nem individualmente podemos afirmar que o uso seja uniforme. Dependendo da situação, uma mesma pessoa pode usar diferentes variedades de uma só forma da língua.

Sendo assim, o ensino da língua deve dar destaque às variantes que ocorrem em uma comunidade linguística, pois é de suma importância que o aluno saiba que existem diferentes formas de usar a língua oral e escrita e que deve adequá-la às circunstâncias em que ocorre dependendo do contexto social em que estiver inserido no momento da interação sócio-comunicacional.

Sendo a variação linguística o objeto de estudo da sociolinguística como princípio geral e universal, ela “é considerada um dos principais recursos postos à disposição dos falantes e cumpre duas finalidades cruciais: amplia a eficácia da comunicação e marca a identidade social do falante” (BORTONI-RICARDO, 2005).

É importante que o professor não seja um agente de exclusão no processo de ensino e aprendizagem, usando preconceito e discriminação no tratamento das variedades linguísticas. No entanto, a variação linguística abordada em muitos livros didáticos é feita de forma superficial ou até mesmo distorcida. É nesse contexto que Bagno (2007, p. 119) discorre dizendo que “o tratamento da variação linguística nos livros didáticos continua sendo um tanto problemático”.

No próximo tópico analisa-se mais detalhadamente como é abordada a questão dos fenômenos variáveis no livro didático *Português: Linguagens*, de Cereja e Magalhães (2009), do 6º ano.

### 3. Análise dos dados e discussão dos resultados

Tomando por base os estudos realizados, podemos observar que o tratamento da variação linguística no ensino de língua portuguesa no livro didático analisado se dá de forma distinta. Uma das seções do livro é chamada de “A língua em foco” em que, em cada capítulo o autor destaca uma dessas seções e no segundo capítulo são discutidas questões referentes às variedades linguísticas, usando o recurso visual das tirinhas.

Primeiro Cereja e Magalhães (2009) dividem em tópicos essa seção que chamam de: construindo o conceito, conceituando, exercícios, as variedades linguísticas na construção do texto e semântica e discurso.

Em “Construindo o conceito” é trabalhado a seguinte tira de Maurício de Souza (Tira 1):



O livro didático analisado inicia a discussão abordando a variação linguística, trazendo a questão do “dialeto caipira”, colocando-o como sendo “um português diferente daquele que é usado em outros lugares”, ele destaca as palavras “fror” (flor), “laranjera” (laranjeira), “ocê” (você), em que se verifica que essa língua usada por Chico Bento e Rosinha é diferente daquela utilizada em jornais, revistas e livros, e é perguntado se é possível compreendê-la.

Com relação à palavra “fror” (flor), verifica-se a troca de /l/ por /r/ nos grupos consonânticos. Essa variação é encontrada mais em falares rurais que em urbanos, que, de acordo com Bortoni-Ricardo (2005), trata-se de um traço descontínuo, ressaltando que esse é um fenômeno linguístico estigmatizado na cultura urbana e letrada.

Na palavra “laranjera” (laranjeira) o ditongo /ei/ foi reduzido a uma simples vogal. Verifica-se que na oralidade, os ditongos /ei/, /ai/ e /ou/ seguidos dos fonemas /r/, /n/, /j/ e /x/, tendem a ser reduzidos, tornando-se vogais simples /e/, /a/ e /o/. A autora, na página 56, ressalta que

se compararmos esse fenômeno linguístico que está acontecendo com esses ditongos, verificar-se-á que o ditongo /ou/ reduz-se a simples vogal em uma gama maior de ambientes linguísticos do que a regra de redução dos ditongos /ei/ e /ai/, o que leva a inferir que esse é um indicador de que o 1º caso (/ou/) já está mais avançado no processo de evolução da língua que o 2º.

Sobre o pronome de tratamento “ocê” (você), que deriva da forma de tratamento antiga “Vossa Mercê”, obedeceu ao seguinte percurso: *vossa mercê* > *vosmecê* > *você* > *ocê*. A autora (p. 55) salienta que as formas “ocê” e “cê” são muito usadas em estilo de fala não monitorada por todos os brasileiros, nas diferentes regiões do país.

Observamos que não ocorre uma discussão mais ampla sobre as variedades regionais. No entanto, um ponto positivo foi a de pedir que se o aluno falasse de modo diferente das palavras de Chico e Rosinha, então que as reescrevessem. Nesse contexto, Dionísio (2005, p. 82) expõe que:

a reescrita pode oferecer ao aluno condição para flexão e apreensão das variedades linguísticas, ou seja, pode, realmente, fazer com que o aluno atente para a condição de uso de formas que são esperadas e adequadas em diferentes tipos de situações que terminam por configurar em nossa sociedade.

Ressaltamos que outros fenômenos variáveis na tira poderiam ter sido explorados como: em *entrá, dizê e vê*, em que se verifica a variação fonética ou marca de oralidade existente na ausência do /r/ final nas formas de infinitivo verbal é um recurso linguístico recorrente no português falado no Brasil. É importante ressaltar, porém, que no repertório linguístico dos alunos, e também no do professor, o /r/ em final de palavras, principalmente nas formas de infinitivos verbais, desaparece na oralidade e, como não pronuncia esse segmento, o aluno não o percebe, como ocorreu na fala das personagens analisadas ao pronunciarem as formas verbais: *entrar, dizer e ver* que lê como se fosse *entrá, dizê e vê*.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2005), essas diferenças, com frequência, apresentam-se entre a variedade usada no domínio do lar, onde predomina uma cultura de oralidade nas relações permeadas pelo afeto e informalidade e a cultura de letramento, como a que é cultivada na escola, por exemplo.

Assim, é justamente no momento em que o aluno usa uma regra não padrão e o professor intervém, fornecendo a variedade padrão, aquela aceita pela escola e pelos meios de comunicação, que as duas variedades de justapõem em sala de aula. Nesse momento delicado, cabe ao pro-

fessor orientar o aluno a respeito da existência das diferentes formas de nomear um mesmo objeto, isto é, das diferentes formas de se dizer uma mesma coisa, em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. De acordo com Tarallo (2007), o professor deve explicar, de forma bastante esclarecedora ao aluno que as variações linguísticas são comuns e inerentes a todas as línguas vivas e em constante processo de variação, uma vez que a língua se transforma e se modifica no espaço para atender às necessidades comunicacionais do falante.

Outra variação linguística trabalhada por Cereja e Magalhães (2009), presente na tira 2 de Adão Iturrusgarai, é o uso da linguagem informal e o emprego de gírias, como /man/, /tá ligado/, /saquei/, /parada/, /mó/, que contribuem para caracterizar as personagens adolescentes.

Assim, convém ressaltar que as gírias são expressões criadas por um grupo social ou profissional, nesse caso por adolescentes músicos. Lembrando que os adolescentes são os maiores representantes do uso de expressões gíricas, estimulados pela própria fase em que se encontram, porém, a gíria é um recurso linguístico permitido na linguagem oral, mas no texto formal deve-se evitá-la. Vejamos a tira 2 a seguir.



Podemos observar que a linguagem das personagens da tirinha revela mais do que pensamentos e sentimentos. Revela também quem são socialmente, isto é, a posição social, o gosto cultural, o grupo ou a tribo de que fazem parte. Enfim, pela linguagem é mostrada a forma de ser e de ver o mundo que nos cerca.

De acordo com Ricardo-Bortoni (2005, p. 49),

cada um de nós adota comportamentos muito semelhantes ao das pessoas com quem convivemos em nossa rede social. Por isso, sabemos que a rede social de um indivíduo, constituída pelas pessoas com quem esse indivíduo interage nos diversos domínios sociais, também é um fator determinante das características de seu repertório sociolinguístico.

Nessa perspectiva, é possível observar que há “entre os adolescentes uma constante mudança na língua, e esta mudança se dá conforme o ambiente em que o jovem está, e de acordo com as pessoas com quem estão interagindo” (AVELINO; BUENO, 2009).

No uso da linguagem, as pessoas criam novas palavras para expressar as suas necessidades comunicativas, e é comum essa ocorrência entre os adolescentes para marcar o seu grupo social. Assim, as gírias são muito comuns nesse meio; é como se eles usassem uma identidade linguística para diferenciar o seu grupo.

Mesmo sendo falado na maioria das vezes por grupos adolescentes, “é possível dizer que a gíria está presente em qualquer idade e classe social. Não dá para afirmar, com certeza, que pessoas que residem em bairros centrais falam mais gírias que aquelas que residem na periferia da cidade” (AVELINO; BUENO, 2009). Observamos que hoje quase todos utilizam essa variação, pois a sociedade tem pressa de comunicar e de ser compreendida independente da idade do falante, nas diferentes formas de comunicação linguística.

Avelino e Bueno (2009, p. 131) ainda ressaltam que os adolescentes e jovens falam de forma mais instável, pois “querem criar, inovar e se destacar entre seus colegas, com uma fala diferente das demais pessoas, para ganhar destaque em seu grupo. Os falantes mais velhos costumam preservar as formas antigas e de prestígio em sua fala”.

#### **4. Considerações finais**

O trabalho com “tirinhas” é de fundamental importância para o tratamento da variação linguística. Segundo Marcuschi (2008, p. 256) “o estudo dos gêneros textuais é uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para o funcionamento da língua e para as atividades culturais e sociais”.

Esse estudo tem como objetivo destacar fenômenos linguísticos variáveis presentes em tirinhas e analisar como tal variação pode interferir no processo de ensino/aprendizagem de língua portuguesa em sala de

aula. Desse modo, comprovou-se, por meio das análises, que a variação linguística no gênero textual “tiras” é trabalhada de forma superficial e vaga. Percebeu-se que não são exploradas no estudo, análises e comparações de todos os fenômenos linguísticos presentes nesse gênero.

É nesse contexto, que há uma falha na contribuição do desenvolvimento da competência comunicativa do aluno e dos seus conhecimentos linguísticos.

No entanto, apesar de ainda haver falhas no trabalho com as variações linguísticas em sala de aula, percebeu-se uma adequação e modernização no livro estudado, o que já é um passo para transformar o preconceito linguístico e promover um ensino pluralizado no Brasil. Para Mollica (2008, p. 13):

Os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima.

Observamos também que a interação social possui grande influência no jeito particular que cada um tem de falar e que a idade, a escolaridade, o gênero e a classe social do falante, entre outros fatores, influenciam no modo como uma pessoa fala, produz um texto, enfim, se expressa (LIMA; BUENO, 2013).

Ao final deste estudo vale ressaltar que todas as variedades linguísticas têm o seu valor e sua importância, desde que sejam utilizadas nas situações adequadas, para que os alunos as utilizem de forma eficaz, propiciando oportunidades e direitos a todos com habilidade e eficiência.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIN, T. M. Língua e discriminação. *GTNM – Jornal do Grupo de Tortura Nunca Mais*. Rio de Janeiro, Ano 17, nº 43, dez. 2002.

AVELINO, H. C. M. de; BUENO, E. S. da S. Variação linguística – Estudo comparativo do uso de palavras calão e gírias no português falado por alunos do ensino fundamental e médio de Dourados. *Anais do Encontro de Iniciação Científica*. Enic, 2009.

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

BORTONI-RICARDO, M. S. *Nós chegamos na escola, e agora? Sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola, 2005.

BUENO, E. S. da S.; SILVA, R. V. da. Contribuições da pesquisa sociolinguística ao ensino da língua portuguesa no Brasil. *Anais do SIELP*. V. 2, n. 1. Uberlândia: Edufu, 2012.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Português: linguagens*, 6º ano do ensino fundamental. São Paulo: Atual, 2009.

DIONÍSIO, A. P. Variedades linguísticas: avanços e entraves. In: DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *O livro didático de português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 75/88.

LIMA J. da P.; BUENO, E. S. da S. Marcas de oralidade na produção textual da educação de jovens e adultos: um estudo sociolinguístico sobre a pluralização do sintagma verbal. *Revista Philologus*, Ano 19, Nº 55. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr. 2013.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2008.

NOGUEIRA, F. M. da S. B. Variação linguística e ensino de língua materna: algumas considerações. *ANAIS eletrônicos III ENILL*. Encontro Interdisciplinar de Língua e Literatura, 2012.

PCN – *Parâmetros Curriculares Nacionais*, 1998.

SILVA, F. M. da; CARVALHO, M. A. A. *A variação linguística em livros didáticos de língua portuguesa*, vol. 3, nº 9, mar. 2013.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.

VELLASCO, Ana Maria de Moraes Sarmiento; SOUSA, Rosineide Magalhães de. *Educação e língua materna II: linguística*. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.